NTONIO ARROYO

A VIAGEM DE ANTERO DE QUENTAL Á AMÉRICA DO NORTE

Ao meu caro e velho amigo
Antonio Nicolau da Costa e Sá,

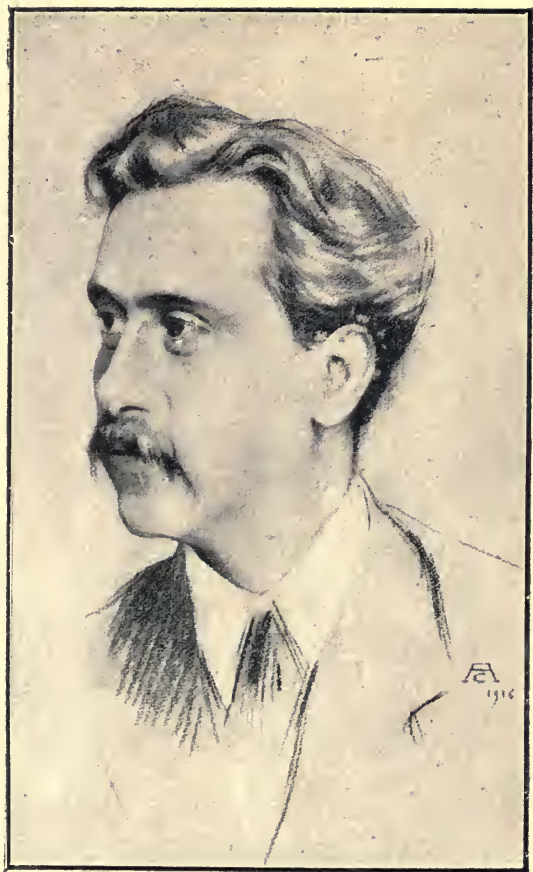
Lisboa 11-2-1920

Ant. Carn[illegible]

A VIAGEM DE ANTERO DE QUENTAL
Á AMERICA DO NORTE

Antonio Arroyo

A VIAGEM DE ANTERO DE QUENTAL Á AMERICA DO NORTE

EDIÇÃO DA
«RENASCENÇA PORTUGUESA»
PORTO

JOAQUIM DE ALMEIDA NEGRÃO

(Segundo retrato feito em Londres em 1870, meses depois da viagem á America do Norte, por António Carneiro.)

A VIAGEM DE ANTERO DE QUENTAL Á AMERICA DO NORTE [1]

A Antonio Sergio,
filosofo, poeta e lobo do mar.

Muitas vezes ouvira referencias á viagem que, na companhia dum amigo seu, capitão de navios, Antero de Quental fizera aos Estados Unidos, quando esta designação apenas se aplicava á grande republica norte-americana. E, ha alguns anos, sucedeu-me até ser apresentado a « O homem que levou o Antero á America. »

— Aqui o tem você!...

Após a intimativa destas duas frases curtas

[1] Todas as vezes que tiver de referir-me a pontos do livro Antero de Quental, *In Memoriam*, Porto, 1896, designá-lo-ei apenas sob a forma — *In Memoriam*.

e sugestivas, fiquei-me a olhar para ele, enleado pela bondade jovial e simples com que me recebia; e quando, seguidamente a esta apresentação, nos encontravamos os dois, conversavamos sempre dos amigos comuns, assim como de Antero e João de Deus. Vai porém em trez ou quatro mezes fez-me ele um primeiro relato da viagem a que tanta vez haviam aludido deante de mim. Mas não pude, nessa ocasião, tomar nota alguma; porque estavamos no Rocio e eram as horas excitantes, genesiacas, em que a chusma da burocracia esmagada pelo trabalho e a onda do madamismo trabalhado pela burocracia se cruzam nos passeios da capital. Pedi-lhe pois que me permitisse ir a sua casa, a fim de colher os elementos indispensaveis para uma descrição exacta dos sucessos ocorridos nessa ida e volta transatlantica. Acedeu desde logo; e ontem lá fui bater á sua porta, na Rua de S. Paulo. Recebeu-me afectuosamente e contou-me o que eu agora confío aos meus estimaveis leitores, procurando comunicar á prosa o sabor salgadio que toda a narrativa maritima deve ter, e que de facto tinha a que ele me fez.

Não vão porém lançar á conta de abuso a pormenorisada exposição de casos anteriores á viagem de Antero propriamente dita, embora na aparencia pouco ligados com ela. É indispensavel fazê-la para bem caracterisar as cousas e as pessoas de que aqui devo ocupar-me. Porque, embora se não trate de fenomenos sobrenaturais, certo é que quasi tudo quanto vou expôr contrasta acentuadamente com a sorna e nada interessante monotonia nacional.

Em fins de 1867 arribou a Portimão um patacho americano que vinha da Sicilia com fogo a bordo. Era um excelente barco, ainda novo, construido no Canadá quatro ou cinco anos antes e medindo 273 metros cubicos de arqueação, umas quatrocentas toneladas metricas. Como fosse de enxofre toda a carga, meteram-no no fundo, logo que ele entrou a barra. Mas, uma vez extinto o incendio, levantou-se questão entre as companhias de seguros e os donos do navio, ou os consignatarios da carga, em virtude da qual foi esta retirada para outro barco, a fim de se vender o patacho em hasta publica.

Realisou-se a praça em principios de 1868,

sendo na opinião geral muito baixa a base de licitação. E realisou-se no ponto onde tinham depositado o espolio e mais pertences do navio, no antigo Largo do Cais, hoje Praça do Visconde de Bivar, que já então era um centro de reunião e passeio muito concorrido.

Ao principio haviam sido formados varios lotes, de entre os quasi chegára a ser adjudicado um composto da roda do leme e de varios pertences pequenos. Pensou-se porém que este processo não daria bons resultados; e, como alguem sugerisse a ideia de se reunirem todos os restantes lotes num só, assim o fizeram, julgando preferivel.

E tudo isso foi posto em praça pela quantia de 2:500$000 réis aproximadamente.

Durante uma boa meia hora não apareceram licitantes. Dir-se-ia que ninguem ousava abrir os lanços. Mas evidentemente era necessario abrí-los, fosse como fosse, sem o que poderia eternisar-se a arrematação.

Estava ali, por acaso, conversando com varias pessoas e com o juiz que presidia á praça, a quem conhecia pessoalmente, o snr. Joaquim de Almeida Negrão que, ao tempo, era um moço de 28 anos, solteiro, grande pescador, marinheiro por atavismo e caçador. Vivia em casa de seu pae, proprietario local e rendeiro do conhecido capitalista José Maria Eugenio de Almeida; auxiliava-o nos seus trabalhos, levando aliás vida folgada e divertindo-se á larga ([1]).

Joaquim Negrão, despedindo-se do juiz, e quando ia ter com uns amigos que passeavam no largo, sugestionado por alguem que lhe disse: «lance você», intendeu cobrir com cem reis a base da licitação; mas fê-lo

([1]) No *In Memoriam*, a pag. 454, escreve o snr. Jayme Batalha Reis: «N'esses tempos (1868 a 1872) que esteve em Lisboa, ia muitas vezes comnosco, ao João de Deus, o Joaquim Negrão, — o pescador de atum, artista, negociante, aventureiro, romantico, e capitão de navios com quem o Anthero fez a viagem de Nova-York.»

convencido de que apenas abria a serie dos lanços. Ficou portanto muito surpreendido quando, decorrida outra meia hora, veiu um oficial de deligencias procurá-lo ao passeio, «da parte do snr. dr. Juiz», e dizer-lhe que este o esperava para assinar o termo da arrematação.

Havia-lhe sido ajudicado o lote inteiro!...

E atrapalhou-se um pouco: já porque não tinha dinheiro para satisfazer o compromisso, contraido de mais a mais sem autorisação paterna, já porque, não pagando dentro das vinte e quatro horas, era fatalmente capturado. E, naquele primeiro momento, nem se lembrou de que, dias antes, em casa de seu pai, ouvira dizer que a avaliação do navio tinha sido muito baixa. Dirigiu-se porém imediatamente ao juiz e pediu-lhe que anulasse o lanço. Mas era impossivel: tratava-se dum facto publico e notorio. Teve pois de contar o caso ao pai, suavisando todavia o golpe com um certo numero de considera-

ções: afinal o barco era bom e barato, e, quando convenientemente reparado e arranjado, poderia vender-se sem perda alguma, senão até com lucro. O pai concordou; pagava o navio no dia seguinte e, logo depois, mandava proceder a concertos.

Comprador é que não aparecia. Resolveu-se por isso levar o patacho aos nossos portos maiores o vendê-lo aí. Mas, a fim de evitar despezas, o navio metia carga de figo para o Porto e para lá seguia com José da Silva Ribeiro por capitão. A bordo ia tambem Joaquim Negrão, matriculado como sobrecarga.

O patacho nacionalisára-se, passando a chamar-se *Carolina,* não se sabe bem porquê.

No Porto entregaram a carga ao destinatario, sem contudo poderem encontrar comprador para o navio. Sucedia o mesmo que no Algarve. O que, todavia, não contrariava Negrão, que de lá partira com a idea fisgada de gozar o barco em proveito proprio.

Entretanto ele não perdia o seu tempo: —tomava lições particulares com um preparador de nautica. Deve dizer-se que Negrão não era noviço em pilotagem quando ali chegou. Quatorze ou quinze anos antes, tendo já o 3.º ano dos liceus, havia viajado a bordo dum outro navio, tambem pertencente a seu pai, e visitado, entre outras terras, a Madeira, Barbados e Demerara. O piloto de então, por nome Mascarenhas, era um empirico boçal e indolente. O rapaz foi aprendendo todo o serviço de marinheiro e seguidamente o de piloto. Além de isto, graças ao conhecimento que tinha de Aritmetica e Geometria, e da Geografia, conseguiu sem dificuldade trabalhar com as Taboas de Norie, em cuja introdução, consagrada á arte de navegar, adquiria conhecimentos profissionais muito superiores aos do piloto Mascarenhas. E, durante o regresso a Portugal, foi já ele que fez todas as observações de bordo.

Sucedia ainda que, havendo sido educado

no colegio dos Inglezinhos, em Lisboa, falava correntemente a lingua franceza e a ingleza, ensinadas por professores dos respectivos paizes.

Com uma tal preparação e com as lições particulares de nautica a que me referi, apresentou-se a fazer exame de piloto perante a *Intendencia de marinha*, o que era permitido ao tempo. Para este facto concorreram ainda dois outros motivos: em primeiro logar, Negrão estava descontente com o capitão de bordo, o Silva Ribeiro; além de isso conhecia pessoalmente o intendente de marinha e poude expôr-lhe francamente a necessidade em que se achava de despedir o homem. E assim fez, logo que o aprovaram no exame e lhe passaram carta provisoria de pilotagem. A tripulação ficou porém toda com ele.

Mas, como disse, no Porto não se encontrou comprador para o barco, sendo novamente preciso tomar carga. E, aparecendo em Viana do Castelo um carregamento de

madeira com destino a Malaga, para lá se dirigiu Negrão capitaniando o *Carolina.*

De Malaga voltou em lastro a Portimão; mas logo aí metia carga de cortiça preparada, para Rotterdam e Hamburgo. Visitou a Holanda. Seguiu depois para o porto alemão e percorreu uma grande parte da região do Elba. De ali, com um carregamento de garrafas, garrafões e outros vidros, foi a Newcastle-on-Tyne, de onde regressou a Lisboa com carvão.

Fez ainda duas viagens pequenas: uma, de Lisboa para Portimão, com cortiça em bruto; outra, de Portimão para o Porto, com carga de figo. E foi então que empreendeu a sua maior viagem. Já de todo lhe passára a ideia de vender o *Carolina.* No Porto, em meados de 1869, recebia carga de sal, cebola, etc., para Halifax, na Nova Escocia, costa oriental do Canadá.

Ora, desde Maio ou Junho desse mesmo ano de 1869, João de Deus achava-se em

Lisboa, num estado que hoje se diria de neurastenia. Necessitava mudar de ares e de vida. Negrão, que era seu amigo de tu ha muitos anos, e que tambem viera a Lisboa emquanto o navio no Porto metia carga, viu-o e convidou-o a acompanhá-lo á America. O poeta sempre desejou visitar os Estados Unidos. E, como o capitão do *Carolina* esperasse, com as recomendações que tinha para o nosso consul em Halifax, obter carga deste ponto para os portos da grande republica norte-americana, aceitou o convite.

Negrão regressou ao Porto e, quando se aproximava o dia da partida, escreveu. João de Deus foi para a capital do norte em companhia de Antero de Quental, alojando-se ambos no Hotel do Estanislau, á praça da Batalha, onde residia Germano Vieira de Meireles, redactor do *Primeiro de Janeiro* e grande amigo de Antero dos tempos de Coimbra.

Foi de algumas semanas a sua estada no

Porto. Varios amigos vinham, de quando em quando, passar uns dias com os dois poetas ao hotel; entre eles, Negrão lembra-se do Alberto Sampaio, de Guimarães, o futuro autor das *Vilas do norte de Portugal*, já hoje falecido como quasi todos os demais. Durante essas semanas passaram-se porém com uns e outros as scenas mais divertidas.

Rara era a noite em que Antero e Germano não tinham uma discussão violentissima que terminava duma forma sempre engraçada. Dormiam ambos no mesmo quarto e davam-se como irmãos (1). Chegados ao quarto, começavam conversando tranquilamente; mas a pouco e pouco iam perdendo a serenidade, já altercavam com calor. Do tu cá, tu lá, passavam ao você, até terminarem, no auge da contenda, em V. Ex.ª diz, faz ou acontece.

(1) As filhas de Germano Vieira de Meireles, como se sabe, foram as herdeiras dos bens de Antero de Quental.

*

Nesse ponto intervinha João de Deus:

— Oh! menino, Oh! menino!...

Antero metia-se então na cama, apagava a luz e dizia sacudidamente:

— Boa noite.

E Germano, sentando-se á mesa, punha-se a encher linguados para o jornal.

Os seus temperamentos eram muito dessemelhantes. Antero ingenuo, leal e arrebatado; Germano por vezes aspero, mas sempre penetrante, e aproveitando cruamente as fraquezas ou ingenuidades do adversario. Entre o cajado de Antero e o florete de Germano, aparecia porém a Senhora da Graça, o João de Deus, a serenar os combatentes.

Á mesa do hotel as questões eram de outro genero e intensidade. Entre os comensais encontrava-se o snr. Mateus, homem muito eloquente e possuidor de copiosos conhecimentos, sofregamente absorvidos no celebre *Manual enciclopedico* de Monteverde. Sabia-o todo de cór. Este estranho persona-

gem, de tão intensa madureza, respeitava enormemente o Antero, tinha por ele verdadeira veneração e, sempre que se lhe dirigia, tratava-o por V. Ex.ª, snr. dr. Antero. Não fazia porém o menor caso de João de Deus, que morria a rir de prazer. Na ausencia, chamava-lhe: «O outro, o que faz versos. Aquilo não rende nada.» E, voltando-se para Negrão, acrescentava:

— Se o snr. quer fazer fortuna, eu dou-lhe uma carta para um primo que tenho em Africa e verá o que aquilo é. Versos, não caia nessa, isso não rende nada.

Quando alguem, quasi sempre de proposito, fazia uma afirmação absurda, ele intervinha logo:

— Perdão, perdão, isso não vem no *Manual.*

Mas ás vezes não saia espontaneamente e era necessario chamá-lo a debate, encargo este que competia a Negrão. Porque, como o homem não tomava João de Deus a serio,

e Antero, na sua qualidade de centro nobre, estava naturalmente reservado para as grandes soluções finais, só restava em actividade armada o Joaquim Negrão.

O homem falava um dia no movimento da Terra e este objectou-lhe que isso era uma mentira empregada para facilitar o ensino na escola.

— A verdade, que aliás toda a gente sabe, continuou Negrão, é que a Terra está imovel. Se ela andasse com a velocidade que você diz, nem as aves se atreveriam a levantar vôo, porque não poderiam regressar ao ninho, nem a pedra que você deitasse ao ar voltaria ao sitio de onde fôra lançada.

O pobre diabo embatocou com o velho e fradesco argumento. Antero porém acudiu em seu auxilio:

— Não se perturbe com a observação. Em garoto atirava eu ao ar muitas pedras que vinham sempre cair no mesmo ponto de onde eu as arremessava. É certo porém

que este mundo se compõe de muitos garotos e que se não pode saber ao certo de qual era a pedra. Ha sempre duvidas a este respeito.

—Perdão, snr. Doutor, peço perdão desta vez, apressou-se o homem a observar, se bem que muito a custo. É que eu tinha uma tia que me dava todas as suas luvas velhas; e, quando atirava pedras ao ar, envolvia-as primeiramente na pele das luvas, cosia-as e escrevia-lhe o meu nome por fóra. E elas vinham cair-me aos pés.

—E o senhor afiança que a pedra tinha sempre o seu nome? perguntou Antero solene e aparentemente surpreendido pela singular objecção.

—Sim snr., afirma o homem, categorico e preciso.

—Nesse caso, confessa por fim Antero depois de reflectir um momento, não sei o que hei-de responder!... [1]

[1] No seu artigo do *In Memoriam*, o snr. Batalha Reis, a pag. 456 e 457, coloca esta anedota em Lis-

Mateus abria-se porém um dia com Negrão e confessava-lhe que, nos seus tempos, tambem havia feito versos. Imagine-se a agradavel surpresa do capitão do *Carolina* quando tal soube. Tratou logo de lh'os apanhar, ou de lh'os fazer lêr á mesa. Mas o homem impoz condições: «Que o amigo mostrasse primeiramente os seus». Este, de facto, nunca versejára; não podia portanto mostrar-lhe as suas poesias. «Modestia, objectava Mateus, não acredito». De forma que Negrão teve de empunhar a lira e de escrever um chorrilho de estrofes mais ou menos insensatas, que terminavam sempre por um distico empolgante. «Porque haviam sido feitas por duas libras, a pedido duns padres de Braga, que as destinavam a sustentar em Roma o bom combate da santa religião.»

boa. Não julgo grave o caso, visto tratar-se dos tempos de boemia de Antero e dos seus amigos, sendo ainda para notar que os episodios ocorridos no Porto parecem a continuação dos de Lisboa e vice-versa.

Desses disticos, e sua critica feita por Mateus, apenas lembram hoje dois ao autor. O primeiro, com que o Antero ria muito, rezava assim:

É a crença do leão,
É a voz da solidão.

Mateus percebia o que fosse a voz da solidão; mas, crença de leão, não tomava nada.

— Era lá possivel que os padres admitissem semelhante cousa? Então o leão tem crenças? ... perguntava agitado. Como ousariam eles fazer uma tal afirmação, quando reunidos na capital dos Estados pontificios?... E de mais a mais pagando para isso!...

No outro distico viu-se Negrão violentado pela tirania da rima a alterar o mapa da Italia, o erro sem duvida mais doloroso para um homem do mar:

E as aguas rubras do Pó
Lambem o corpo de Fó.

—Sim senhor, bradava Mateus; isso gosto, isso está muito bonito.

O autor, com receio do *Manual enciclopedico*, sempre lhe foi dizendo que Pó, aqui, era egual a Tibre. Liberdade poetica. Mas o homem gostava incondicionalmente deste ultimo distico.

Chega por fim o momento de Mateus lêr os seus versos á mesa do jantar. Levanta-se e saca do bolso, um rolo. Mas nessa occasião, um dos comensais, medico e amigo de Antero, solta uma gargalhada enorme que se torna lamentavelmente contagiosa. O homem espanta-se e guarda para sempre o rolo no fundo das algibeiras.

—Meus senhores, para palito não sirvo, declara com muita força e decisão.

E assim se perdeu todo o esforço poetico do capitão do *Carolina*.

Antero sofria de digestões muito lentas e julgava que o riso exercia nelas uma acção benefica. Insistia por isso com o Negrão para

levar o homem a manifestar em plena liberdade os seus varios talentos. Ás vezes vinha ele cantar longas passagens da *Flor do Chá,* de Lecocq, ou ainda das operetas de Offenbach; aquela era a sua predilecta e, de entre estas, escolhia de preferencia as de assuntos mitologicos, que lhe permitiam expôr as teorias do *Manual enciclopedico* a tal respeito. Para animar as grandes situações heroicas, envolvia-se na colcha da cama e tomava atitudes classicas; mas representava tanto ao vivo que até dava com o corpanzil em terra, quando a verdade dramatica o exigia [1].

[1] A pag. 147 e 148 do *In Memorian,* João Machado de Faria e Maia, falando dos tempos de estudante, seus e de Antero, conta o seguinte: « E logo apoz, cobrindo-se de um grande lençol branco, (Antero) recitou-nos o *Pavilhão Negro,* ora grave, ora burlescamente, com a mimica notavel que era um talento hereditario na sua familia e, ao dizer-nos (certos versos), envolvia-se hirto nas dobras monumentaes do manto improvisado. Em poucos momentos, conseguiu dar-nos,

Mas o mais interessante de todos esses episodios deu-se entre os tres escritores: — Germano, Antero e João de Deus. O redactor do *Janeiro,* necessitou de passar alguns dias numa aldeia proxima do Porto e pediu a João de Deus que o substituisse no serviço da redacção. Este anuiu, mas aproveitou o ensejo para aplicar uma tareia no *Bispo,* cujo partido politico Germano defendia nas colunas do jornal.

Então só se pensava em dar cabo do *deficit*, reduzindo os ordenados aos funcionarios publicos e lançando novos tributos. E João de Deus, indignado com a forma que havia sido empregada na aplicação de certas contribuições, dizia ao Alves Martins que ele poupára os abades e os seus passais porque

com o mais nitido relevo, a impressão da estranha versatilidade (sic) do seu espirito, passando sem transição da commoção religiosa para o delicado *humour* de um realismo frisante ».

Segundo me dizem, era este um dos divertimentos predilectos de Antero.

lhe tocava pela porta; que só fôra rigoroso com o alheio ([1]).

Volta Germano e zanga-se com o poeta «que o entalára»; ao mesmo tempo, passa o encargo ao Antero e parte de novo para a aldeia. Mas este tratou logo de escrever um artigo pavoroso, de caracter pelo menos francamente socialista, no qual zurzia todos os bandos politicos.

Germano regressou de vez, riu-se e reconheceu que não podia sair do Porto ([2]).

Terminado o carregamento, Negrão foi ao Governo Civil declarar que levava um

([1]) De 1866 a 1867, João de Deus foi deputado em Côrtes pelo Algarve. Eu nada sei ao certo, nem saberei nunca, ácerca do seu credo politico; penso porém que, ou era republicano, ou do partido oposto ao *Bispo*. Este sucedeu no poder em 1868. Germano de Meireles, provavelmente, não atentou no caso. Para ele como para todos, o poeta era sobretudo um grande poeta, um alto espirito. Mas era tambem um notavel ironista. *Inde* . . .

([2]) Não encontrei os dois artigos em ques-

passageiro a bordo. Não deu porém o nome. Naquele tempo, as prescrições que se observavam em tais casos eram menos rigorosas do que as de hoje.

O patacho estava ancorado defronte da Alfandega Velha. Mas, como a maré fosse tarde, levou-o o rebocador para fóra da barra, fundeando o navio ali, á espera da entrada do capitão e do passageiro no dia seguinte. Em terra, na Cantareira, ficára um escaler para os levar a bordo.

No dia seguinte, de manhã cedo, João de Deus, Antero de Quental e Joaquim Negrão, com a bagagem do primeiro, tomavam

tão. Confesso-me incapaz de lêr a sangue frio uma larga serie de prosas politicas, que, decorridos quasi cincoenta anos, se me afiguram ainda mais torpes, vazias ou grotescas do que quando acabam de ser escritas. Ignoro tambem se Vieira de Meireles colaborou no Porto em outro jornal que não fosse *O Primeiro de Janeiro*. Lamento contudo não poder aqui anexar esses dois ineditos, porque de facto o seriam se lhes podessemos identificar os autores.

uma carruagem e mandavam bater para a Cantareira. O mar estava o mais chão possivel e na foz do rio notava-se apenas uma suave ondulação. Entretanto João de Deus, fitando-a atentamente, perguntou:

— Mas olha lá, o escaler tem de transpor aquelas ondas?

— De certo, não pode deixar de ser, respondia Negrão, algo surpreendido.

— Pois então, meu amigo, não vou!

O capitão ainda teimou com ele. Mas, como Antero lhe fizesse vêr o estado do João, nervoso, palido e com o olhar espantado, e lhe pedisse para não insistir, calou-se. E ia voltar ao Porto, a dizer que o passageiro não seguia a bordo, quando Antero lhe perguntou se ele, no Governo Civil, dera o nome de João de Deus.

— Que não; indicára apenas *um passageiro*.

— Nesse caso, se você não tem duvida, vou eu em logar do João.

Negrão anuiu e os dous poetas regres-

saram juntos ao Porto. Antero, logo em seguida, voltava só para a Foz, com a sua bagagem . . . e embarcava.

Foram directamente a Halifax, gastando 28 dias até lá, sem um só instante terem vento favoravel (1).

Antero foi quasi todo o tempo enjoado, apesar do navio ser muito estavel, de dansar pouco. Não lhe foi possivel habituar-se ao balanço e, por via de regra, estava deitado (2). A cabeça, porém, sempre livre. De

(1) Leio no *Comercio do Porto,* ano de 1869, que o *Carolina* chegára ao Porto a 3 de Junho, completando a descarga a 15; e que partiu para Nova York a 7 de Julho, com varios generos. Isto confirma a narrativa de Joaquim Negrão e o que Alberto Sampaio disse a pag. 21 do *In Memoriam:*

«Por equivoco de datas tam natural n'elle, (Antero) colocou-a (a viagem á America) na auto-biographia em 1868, mas a verdade é que teve logar em 1869.»

(2) A pag. 446 do *In Memoriam*, o snr. Batalha Reis fala-nos deste mesmo estado de fraqueza:

« O Antero já então (de 1868 para 1869) cami-

proposito nada levara para trabalhar, nem queria escrever cousa alguma. Negrão é que possuia alguns livros, comprados em Hamburgo, no ano anterior, e destinados ao estudo da lingua alemã: gramatica, selectas, diccionarios. Antero viu-os e perguntou-lhe

nhava pouco, cedendo gradualmente a um estado morbido intermitente ainda, mas que ás vezes, por dias, o impedia de bem se alimentar, e o conservava invalido, deitado de costas sobre a cama, a ler, a scismar, a conversar, a discutir, puxando incessantemente pelos cabelos das barbas,... e os olhos cerrados, dirigidos vagamente ao tecto, como que perdidos numa visão longínqua. »

E o snr. dr. Manuel de Arriaga, a pag. 106 da mesma obra, referindo-se a uma noite por ele passada com Antero nas alturas do Cabo Mondego, a bordo duma lancha de pesca, com um mar calmo, duma ardencia excepcional, conta como « Antero sucumbiu. A ondulação repetida da vaga, o cheiro nauseabundo do peixe, a debelidade pertinaz do estomago, o frio da noite, prostraram-no completamente. As ancias do enjôo que por vezes o acometeram, obrigaram-nos a instar com os barqueiros para voltarmos a terra. » Mas Antero opoz-se e não o consentiu. Suportou muitas horas de tortura com perfeita serenidade, até ao romper da alvorada!

se se utilisava dêles. E, como a resposta fosse negativa, levou-os para a sua camara e, durante toda a viagem, estudou-os, tomando notas de quando em quando. Dizia que esse estudo não era fatigante porque o não obrigava a pensar. Os seus nervos vibravam contudo duma forma agudissima, e o seguinte facto demonstra-o bem. Toda a peninsula da Nova Escocia é uma região baixa, coberta de densas florestas de pinheiros, abetos e outras arvores semelhantes. Ora, num dado momento, como soprasse vento de terra, Negrão sentiu o aroma dos pinhais e disse que deviam estar perto da costa. O que Antero se apressou a confirmar:

—Já ha muito tempo que me cheira a resina. Não ha duvida.

Todavia só quatro horas depois é que avistaram terra.

A chegada do *Carolina* a Halifax coincidiu com a estada ali de uma alta personagem

oficial que muito deu que fazer ás gentes da terra. Havia grandes festejos, muita tropa nas ruas, muito tiro a bordo dos navios de guerra e multidões por toda a parte. Tudo isto irritava Antero que não gostava de festas, nem de barulho. Passaram pois alguns dias a bordo, onde sempre tiveram camaras confortaveis e bom passadío. Apesar de isso Antero continuava a alimentar-se mal e a ter digestões dificilimas.

Partido o figurão e socegada a terra, começaram os dois companheiros de viagem a passear pela cidade, dando-se então um episodio curioso com o poeta, momento unico de mau humor durante mais de quatro mezes, desde a abalada da Foz até ao regresso. Passou-se o caso com uma especie de cicerone, Mr. X, que lhes havia sido recomendado pelo consulado.

Este homem, ás primeiras entradas, era todo facilidades fosse para o que fosse. Assim, falava-se uma vez do veado gigante das re-

*

giões do norte, o alce, e alguem disse que, em certo logar proximo de Halifax, havia muitos desses animais. Negrão que, como já se viu atrás, era grande caçador, sentiu logo desejos de ir caçá-lo e Mr. X apressou-se a assegurar-lhe que podia arranjar uma partida e reunir indios para os acompanharem; e até se ofereceu para os levar ao ponto indicado. Assente o dia do passeio, Negrão e o cicerone meteram-se numa carruagem e seguiram para lá. Antero não ia porque detestava tais divertimentos. Ora, a meio caminho, já Mr. X prevenia Negrão de que aquela caça era muito perigosa; ao que este respondeu:

—Não tem duvida, eu atiro. E, demais, sou eu que caço; se não quizer, não venha.

Chegados ao local em que deveriam encontrar os alces, encontraram mas foi um indio vestido á europeia com o qual Mr. X esteve falando, provavelmente na lingua au-

toctona. Negrão não intendeu a conversa. Pouco depois vinha porém o cicerone, assás pesaroso, dizer-lhe que os alces se tinham retirado e que não podia haver caçada...

Negrão, a troco de duas garrafas de brandy, comprou ao indio um arco com suas flechas e um tomahawk.

E voltaram para Halifax.

De outra vez, os dois amigos passeavam em companhia de Mr. X, quando se cruzou com eles uma mulher elegantissima, moça e formosa, que olhou para Antero com insistente simpatia, talvez seduzida pelo seu aspecto verdadeiramente insinuante. E é para notar que tambem ele ficou impressionado: achou a mulher encantadôra, mostrando desejos de saber quem era. Mr. X afirmou desde logo que a conhecia pessoalmente e que, se o poeta quizesse, poderia apresentá-lo. E combinaram a apresentação. Mas, quasi á hora aprasada, aparecia Mr. X muito consternado, desculpando-se de não poder acom-

panhar Antero: a linda moça era sobrinha dum amigo seu, o grão mestre da Maçonaria, e o nosso homem não queria comprometê-la. Antero, cuja admiração pela mais bela metade do genero humano não pecava por frequencia, ficou todavia furioso e com vontade de dar duas bofetadas (sic) no aldravão do cicerone (1).

Não as deu contudo. Socegava pouco depois e de todo esquecia a linda senhora.

Da sua estada na Nova Escossia reteve porém Antéro uma recordação luminosa e doce que Eça de Queiroz assim descreve a pag. 499 do *In Memoriam:*

«Percorre a costa da America até á Nova Escossia; e ahi, um domingo, tem uma visão que nunca esquece, a d'uma cidade puritana

(1) No *In Memoriam* encontram-se varios casos do genero deste, a pag. 165 e 166 por exemplo; mas deve principalmente citar-se o *murro* dado por Antero, na rua do Oiro, e que Eça de Queiroz tão espirituosamente descreve a pag. 495.

(Halifax ou Lunenberg), silenciosa, como adormecida no Senhor, toda de tijolo côr de rosa sob um ceu côr de perola, com fundas avenidas mais pensativas que as dos Elyseos onde os namorados passeiam, n'uma mudez de sombras, de dedos enlaçados, de palpebras baixas, respirando sem outro desejo a flôr da sua emoção. Quantas vezes Antero me contava d'essa piedosa e suave cidade, e do longo apetite que ela repentinamente lhe dera de quietação eterna! »

Alberto Sampaio, a pag. 21 do mesmo livro, atribue á passagem por Halifax e Nova York, onde Antero « viu a grande democracia americana », e á « exuberancia da sociedade que acabava de visitar », as disposições em que mezes depois ele se encontrou para se lançar na propaganda socialista.

Em Halifax, o navio meteu gêsso para Nova York, e ali chegou com uma viagem de sete a nove dias.

Antero sentia-se algum tanto melhor; ficava porém quasi sempre a bordo. Por vezes

gostava de passear no *Central Park* que, embora nesse tempo distasse da cidade mais dum quilometro, já tinha esse mesmo nome. Sabia-se que ele em breve havia de ser, como foi ou é, o ponto central da localidade. Estava então ali instalada uma exposição industrial, onde funcionavam e produziam todas as maquinas expostas. Antero passava horas esquecidas entretidissimo a observar os varios trabalhos.

Emquanto esteve em Nova York teve por vezes ensejo de manifestar os seus constantes escrupulos e a sua timidez.

Uma tarde, na Exposição, o seu amigo e companheiro pensou em adquirir uma maquina de fazer café, que o fazia efectivamente delicioso. Mas a maquina era muito cara. Negrão e Antero provaram contudo a excelente bebida, fornecida gratuitamente ao publico numas chicaras pequeninas. Voltaram no dia seguinte e repetiram a prova. Ao terceiro dia, porém, Antero imaginou que o

homem olhava para ele atentamente. É porque já devia conhecê-lo. E não tomou mais café. Negrão, contudo, verificou que era impossivel, dada a multidão que diariamente passava por ali, conhecer o homem todas as pessoas que se lhe dirigiam e a quem ele explicava a teoria da maquina. Porque lh'a explicou varias vezes, sem nunca se recordar de que já o havia feito. E Negrão provava sempre o café.

De ali em deante rarearam os passeios de Antero, e Negrão começou a suspeitar que se lhe teria acabado o dinheiro trazido do Porto. Foi pois ter com ele e, lhanamente, poz a sua bolsa á disposição do poeta. Mas Antero negou-se a aceitar: não sabendo se lhe poderia pagar, suspeitando até que morreria em breve, só aceitava a hospedagem a bordo. Essa sim, dinheiro por forma alguma. E não houve meio de o demover de tal resolução.

Ele desejara fixar-se na America, traba-

lhando fosse no que fosse; e chegou a proporcionar-se-lhe forma de o conseguir em termos razoaveis. Por intermedio dum empregado do nosso consulado, veio a saber da existencia, em Nova York, dum banqueiro riquissimo que tinha importantes negocios no Brazil e queria dar a dois filhos seus o completo conhecimento da lingua portugueza. O milionario receberia em sua casa o professor, com o ordenado que combinassem; a demora era de dois para tres anos e Antero, se quizesse aceitar a oferta, podia marcar um preço elevado. Disse ao principio que sim, que aceitava e que iria, de ali a pouco, combinar as condições do contracto. Mas, dias depois, como se achasse mais doente e receasse não ter forças para bem desempenhar o cargo de professor, declarou que desistia, que declinava a oferta. Sentia-se ao mesmo tempo irascivel e impaciente, sem a necessaria serenidade para aturar rapazes.

E, já por falta de dinheiro, já por falta

de forças, deixou de visitar Nova York, onde pouco viu. Resignado, ficava a bordo, todo entregue ao alemão.

Entretanto o navio contratava em Brooklyn carga completa de trigo ensacado para o Porto e, concluido o carregamento, fazia-se de vela em direcção á invicta cidade da Virgem. Foi isto em fins de Setembro.

Ora, paralelamente á costa oriental da America e a menos de um grau, corre um banco de areia submersivel, cortado, proximamente a meio, no espaço duma milha. Navegaram pois para o Norte, ao longo da costa e á distancia dumas 5 ou 6 milhas, com o fim de contornar o banco nesse ponto e aí tomarem o mar alto. O vento era firme, da terra; mas o barometro poz-se a descer dum modo assustador. No horisonte, a sueste, pequenas nuvens acobreadas, anunciando forte tempestade. Era de tarde, quasi ao sol posto.

Negrão disse então ao piloto:

— Se venta de sueste ficamos sem nos poder safar da costa.

— O caso não me parece serio, objectou o piloto. Não vê todos ésses navios que seguem comnosco no mesmo sentido?...

Viam-se efectivamente uns vinte barcos, entre grandes e pequenos. Negrão, entretanto observou-lhe:

— Talvez você tenha razão. Mas eles são de aqui, conhecem os buracos da costa e sabem onde se abrigar, se precisarem. Nós é que não estamos no mesmo caso.

E, debaixo desta impressão, afastaram-se mais de terra, sondando sempre á procura do intervalo existente entre os dois troços do banco. Não havia arrebentação (1). Ao cabo de certo tempo encontraram o ponto desejado e meteram para fóra, saíram para

(1) *Marulho das vagas junto dos baixos ou recifes.* Assim se define, no meu modesto dicionario, o termo marinheiro do texto.

o mar alto. E, como *quem foge, foge quanto pode,* pondera Negrão, mandou largar todo o pano. Foi fugir a valer, aproveitando o vento de terra que continuava soprando. Para a noite até refrescou [1] um pouco. E correram para fóra quanto poderam, conseguindo, aí da uma para as duas horas da madrugada, achar-se a mais de sessenta milhas do banco.

Foi o que lhes valeu.

Nesse instante o vento acalmava completamente, mas o barometro descia sempre e o aspecto do ceu era cada vez pior. Ferraram todo o pano, ficando apenas em panos reais [2]. Até que o navio de todo parou. De repente ouvia-se porém ao longe um ruido estranho. Era a entrada do novo vento de sueste que lhes caía em cima «como uma

[1] *Refrescar* diz-se do vento quando aumenta.
[2] Vela grande, gavea e vela de estai,—os panos baixos.

trombada ». O patacho que, como se sabe, era um magnifico barco, resistiu sem contudo lhe dar a pôpa. Temiam ficar a sotavento. E assim se aguentaram umas setenta horas, que foi quanto durou o ciclone. O vento conservou constantemente a mesma força e impetuosidade. Como é de supôr, a tormenta veio acompanhada do habitual cortejo de raios, chuva e remoinhos de vento que rondava, repetidas vezes durante um quarto de hora, por oeste e sul. Perderam a gavea logo no começo, mais tarde foi-se a vela grande e descoseu-se o estai; mas iam-nas substituindo como podiam. A vaga, que era enorme, varria, de quando em quando o convés, e até o arrombou por cima da camara do capitão, inundando-a; como já havia arrombado uma caixa que fôra trazida do porão, onde, imitando o celebre canhão de Victor-Hugo, andava dum lado para o outro, a fazer das suas. A caixa, que ficára desde então fortemente amarrada ao convés, deu logar

a um valente susto por que se passou a bordo.

As bombas, como é natural, funcionavam sempre; e, num dado momento, vieram dizer ao capitão que a agua trazia trigo comsigo. Parecia pois que o mar por completo invadira o barco. Mas Negrão poz-se a observar detidamente o trabalho das bombas e reparou, ao cabo dum certo tempo, que já não saía trigo. Foi o caso que, depois de se proceder ao carregamento das sacas, um marinheiro, ou mais, tendo varrido e apanhado o grão que sempre cai nessa ocasião, o havia guardado, para dar ás galinhas de bordo e juntamente com outros objectos, na caixa que trouxeram para o convés e que uma pancada de mar reduzira a hastilhas. E foram os grãos que lá estavam, espalhados novamente na coberta, que as bombas expulsavam de envolta com a agua do temporal.

Mas um outro episodio, semelhante a este, porque ao primeiro aspecto, o tragico,

sucedera um segundo agradavel, deu-se com o cão de bordo, um terranova comprado em Halifax, e que Halifax se ficou chamando. Numa volta de mar, que o arrastára, desaparecia o lindo bicho; uma outra devia porém tê-lo posto a bordo, porque mais tarde foram encontrá-lo, muito escondido com susto, no fundo do virador colhido [1].

Negrão, quasi ao findar do temporal, desconfiando, pela altura da vaga, que o navio tivesse caído muito e se achasse proximo do banco, foi ter com Antero para lho dizer. Este continuava impassivel a ler e a consultar os livros alemães, e olhou para o amigo na mais completa indiferença, sem ideia de qualquer cousa a recear. Apesar de isso o capitão preveniu-o de que talvez se achassem sobre o banco.

— E se lá chegarmos?... perguntou Antero.

[1] Cabo grosso.

— Desfaz-se tudo, não escapa nada.

— Pois então, quando você vir que isso está vai não vai para acontecer, venha dizer-mo, ou mande cá. Verdade, verdade, eu não ganho nada com isso. Mas venha sempre; talvez até eu lá chegue acima. Depois resolverei conforme me achar.

E continuou a lêr.

Negrão subiu ao convés. Vinha nesse momento tomar o leme um velho marinheiro que andára já á pesca do bacalhau e conhecia aquelas paragens. Quando passou pelo capitão, disse-lhe:

— Quem vê partir este mar ha-de dizer que o fundo não está muito longe.

— Você está doido! bradou Negrão. Qual fundo nem meio fundo! Quando eu julgar preciso, logo aviso.

— Peço perdão, senhor capitão.

Mas o desanimo já ia lavrando entre a marinhagem que até pensou em oferecer a vela grande á Senhora da Conceição.

Pelas duas horas da manhã começou porém a abater o vento e a abonançar. Foram largando algum pano para impedir que o navio continuasse a cair. Por fim, virando o vento, meteram de todo ao mar e viram-se livres de perigo.

Negrão descia novamente á camara de Antero para lhe comunicar a boa nova.

—Amigo, desta escapamos nós.

—Está bem.

Tais foram as unicas palavras que o poeta pronunciou. «Evidentemente ele não tinha o menor receio da morte, como mais tarde demonstrou», diz-me Joaquim Negrão.

Parece que o nosso patacho atravessou de feito um ciclone, mas no seu ramo menos violento. Por quarenta graus de latitude, penso eu que essas tempestades não conservam já a energia atingida no seu ponto de formação, a zona torrida, visto como ganham em amplitude á maneira que avançam. Mas

a viagem realisou-se em Setembro e, nesse mez, mais ainda em Agosto e bastante menos em Outubro, é que as estatisticas registam maior numero de ciclones no hemisferio boreal. Além de isso, a descrição do capitão do navio parece concordar com o que o estudo da *Lei das tempestades* nos ensina a tal respeito. Julgo porém necessario dizer em breves palavras como se constitue um ciclone para se compreender a situação em que se encontrou o *Carolina.*

Os ciclones, segundo se pensa, formam-se geralmente por 10 graus de latitude e são constituidos por uma especie de furacão giratorio, animado de grande velocidade, cujo centro segue uma trajectoria parabolica, com vertice voltado a oeste, entre 20 e 30 graus de latitude. O movimento de rotação, no hemisferio boreal, faz-se por norte, oeste e sul, isto é, em sentido inverso do dos ponteiros dum relogio. O temporal em questão tem pois dois *lados:* o *perigoso,* ou da direita, para o observador que olha no sentido da sua marcha, no qual se adicionam as duas velocidades — de *translação* e de *rotação;* o

manobravel ([1]), ou da esquerda, em que as duas velocidades se subtraem.

Ora, atendendo ao que nos diz o capitão do *Carolina,* este achava-se no lado *manobravel;* a maior dificuldade que teve a vencer resultaria pois da distancia relativamente pequena a que estava do banco, quando o mau tempo o alcançou. Segundo a *Lei das tempestades,* o navio, emquanto pudesse, devia fugir a sotavento para se afastar do centro do ciclone. Mas, nesse caso, era lançado sobre o banco onde fatalmente naufragava. Viu-se pois forçado a receber o vento por estibordo, e a aguentar-se por forma que caisse o menos possivel para oeste, sem contudo fugir do temporal.

Eis o que parece depreender-se dos dados colhidos na narrativa do capitão e do pouco que se sabe acêrca destes meteóros, que ainda assim vai muito alêm do que eu sei.

É certo que a extrema violencia e a na-

([1]) No tempo da navegação á vela o lado que hoje se designa por *manobravel,* era, ao que parece, chamado *lado velejavel.*

tureza desse temporal parecem confirmar-se pela seguinte noticia que encontro no *The Illustrated London News* de 23 de Outubro de 1869: « On the 2nd and 3rd inst. a tremendous storm of wind and rain visited a large area of the United States. There were floods in all directions, from Washington to Philadelphia, Albany, and Syracuse. Landslips are also reported, and great damage has been done — bridges broken down, lines of railway urecked and swamped at different points, and houses and workshops thrown down. »

Dir-se-ia que, conforme acontece muitas vezes com os verdadeiros ciclones, em terra e a certa distancia do centro principal, se formou um centro ciclonico secundario que, desde Washington, caminhou tambem para norte até Albany e Syracuse, portanto entre 39 e 44 gráus de latitude, ganhando sucessivamente em amplidão e perdendo-se por fim.

O enciclopedico *Larousse* diz-nos que, nas zonas temperadas, os ciclones perdem, a maior parte das vezes, os seus caracteres especiais, confundindo-se então com as tempestades dos respectivos paizes; á maneira

que avançam, acrescenta, vão alargando e enfraquecendo. Não deixa porém de lembrar que eles pertencem aos fenomenos meteorologicos regionais e dependentes das estações. Por outro lado, é certo que o *Carolina* se encontrava na região percorrida por esses temporais e na estação em que eles mais se produzem.

Interessante, portanto, seria apurar, nos registos dos observatorios, nos diarios de bordo, nos relatos de viagens e até nos jornais da America do Norte, tudo quanto se relacione com este temporal em que, por um tris, não naufragou o patacho *Carolina*, capitão Joaquim de Almeida Negrão, levando a seu bordo Antero Tarquinio de Quental ([1]).

A partir desse momento, a viagem fez-se sem perigo, sem nada de maior, mas sempre com ventos contrarios, o que a tornou muito longa e incomoda. Gastaram nela 52 dias ao todo. Em virtude da deslocação do trigo,

([1]) Creio que então ainda ele assinava assim o seu nome.

inevitavel apesar da divisoria longitudinal do porão, o *meio fio,* e das precauções tomadas, o navio adornou ([1]) sempre um pouco para bombordo.

Antero continuava enjoado na camara a estudar alemão. Só se levantou em Portugal, a não ser quando tomava banho. Chegára a tal magreza, por nunca reter os alimentos, que Negrão temeu um desenlace fatal. Recorreram por isso aos banhos rapidos de imersão em agua salgada fria que lhe davam dois homens de bordo. Pegavam nele e levavam-no nos braços, completamente nú, até á banheira improvisada e, logo que o

([1]) O meu sempre modesto dicionario parece considerar, neste caso, o verbo *adornar* como corruptela de *adernar,* que define: *meter-se debaixo de agua* (o navio). Quero crer que assim seja e até gosto mais da segunda forma. A significação é que me parece tragica de mais. O navio, quando *aderna* ou *adorna,* apenas tomba para um lado, mas nem a borda mete dentro de agua. Pelo menos, com estes ares é que tenho visto empregado o termo em questão.

tiravam de dentro, davam-lhe uma fricção em todo o corpo *com mão de marinheiro.* Antero achava muita graça ao caso que parece ter-lhe aproveitado; de facto, ele só retinha a refeição — leite ou farinha — que tomava sobre o banho. Repunha todas as outras.

Chegados ao Porto [1], Antero desembarcou e ali ficou. Negrão seguia por terra para Lisboa. E o *Carolina* descarregava o trigo ensacado que nada sofrera com a viagem.

O aparecimento do barco surpreendeu porém em alto grau o nosso meio maritimo. Viera noticia da data em que ele saiu de Brooklyn; pouco depois chegavam ao Porto outras noticias assustadoras ácerca da grande tormenta em que, nos quatro dias seguintes

[1] O *Carolina* entrou a barra do Douro a 19 de Novembro de 1869, como se vê no *Primeiro de Janeiro* do dia 20; e completou a sua descarga no 1.º de Dezembro seguinte *(Jornal do Porto).*

ao da partida, haviam naufragado, na costa da America, 132 embarcações, entre grandes, pequenas e de pesca. E todos imaginaram que o nosso patacho se perdêra. Por isso, quando chegou a Lisboa, Joaquim Negrão não estranhou, embora muito o contrariasse, a carta que ali veiu encontrar e em que seu pai, com a maxima energia, lhe ordenava a venda do navio e a desistencia da vida do mar.

O patacho foi vendido por mil libras esterlinas — dois contos de reis de lucro. Para Negrão grande foi porém o desgosto de se vêr coagido a renunciar a uma vida que tão bem quadrava ao seu feitio e ás suas aspirações de viajante. Ainda assim só desistiu após alguns dias de lucta; porque teve, ao mesmo tempo, de abandonar o transporte dum carregamento de carne salgada, que contratára da America do Sul para a India e, graças ao qual, havia sonhado visitar mais tarde a China e Japão!...

Os fretes deram-lhe sempre largamente para as despezas de viagem....

E, entretanto, acabou-se a historia.

Joaquim Negrão, nessa epoca, continuou a encontrar-se em Lisboa com Antero de Quental que, até um dia, lhe fez uma confidencia deveras interessante. Saía Negrão do *Martinho* e, em sentido contrario, vinha o poeta pelo Rocio. Mas vinha furioso. Fôra, com o João de Deus, a um tasco comer feijão encarnado. Conversaram ambos muito e este ultimo, com a vivissima intuição que possuia, achava rapidamente, para certos problemas que preocupavam Antero, soluções que este nunca entrevira. E, depois de afirmar a Negrão que não poderia encontrar-se mais com João de Deus, Antero acabou por dizer:

—Quero evitar o dominio do espirito de outra pessoa sobre o meu. Tanta rapidez de percepção incomoda-me.

Com Negrão é que ele nunca teve a menor questiuncula. Concorria para isso a grande serenidade, o animo simples, bon-

doso, atraente e jovial do capitão do *Carolina.*

Homem sobrio e equilibrado, destituido do menor exagero em todo o seu modo de ser, mas possuindo o segredo da decisão oportuna e calma, Negrão era o companheiro ideal para o nevrotico, para o dispeptico irritavel que sempre foi Antero. Depois, sem nunca ser perdulario, gostava de viver bem, com largueza. E finalmente impunha-se, sem violencia alguma, a toda a tripulação, sendo aliás afectuoso e delicado para com todos. Deste conjunto de qualidades e da sensatez do seu lucido espirito resultou a confiança que nele depositava Antero. No convivio dum tal companheiro, adquiria ele uma constante e harmoniosa serenidade. Via-o com os mesmos olhos com que observava o publico das suas conferencias; e falava-lhe correntemente, sem nunca gesticular, conservando na mão um lapis ou uma varinha feita de papel, em que de continuo passavam os seus dedos. Diz-me ainda o snr. Mariano Machado de Faria e Maia que Antero tinha na mais alta estima o caracter di-

reito, ousado e aventureiro até, de Joaquim Negrão.

Qual porém teria sido, para Antero, o resultado da viagem á America?

Suponho que excelente sob qualquer dos dois aspectos porque a encaremos: o da saude fisica e o do conhecimento da lingua alemã.

Quanto ao primeiro, recordo-me de ver Antero durante talvez uma hora inteira, poucos mezes depois do seu regresso de Nova York, e de lhe não notar sintoma algum da fadiga e da fraqueza que o acompanharam em toda a viagem transatlantica. Ele examinou-me em *Historia*, no liceu do Porto, aí por Junho ou Julho de 1870. Lembro-me até que me interrogou sobre a invasão mourisca da Espanha; e que, emquanto eu toscamente lhe despejava em cima o *Eurico* do Herculano, ele me observava com a maxima atenção e me prendia no puro e raro azul, sereno, profundo, dos seus olhos (1). E pode

(1) A pag. 147 do *In Memoriam*, João Machado de Faria e Maia refere-se aos «claros olhos verdes» de Antero. Eu não tenho porém apenas razões particu-

ser que, naquele momento, estivesse pensando se a romantica narrativa que eu procurava reproduzir não era tão verdadeira como o mais bem documentado dos tratados, a mais autentica das cronicas. Facto é que nem um só instante me interrompeu; e que me aprovou.

Nunca mais o vi; mas nessa ocasião fiquei convencido de que ele não era um doente. A sua maior vida mental realisou-se efectivamente depois dessa data. E a viagem teria porventura produzido nele, em todo o seu organismo, uma reacção salutar, uma vitalidade geral superior á que revelava no ano da ida á America.

Negrão pensa tambem que ele melhorou bastante depois da viagem. Mas a plena confirmação do que eu afirmo é dada por Alberto Sampaio nas seguintes palavras que se encontram a pag. 21 do *In Memoriam:*

lares para sustentar a côr azul; tenho a confirmação de muitas pessoas que o conheceram, entre as quais a do snr. Mariano Augusto Machado de Faria e Maia, tio do João, a pag. 438 tambem do *In Memoriam:* « Os seus belos olhos azues como o ceu. »

«Esta viagem, num meio todo familiar, com os milhares de incidentes e vagares da navegação á vela, que lhe davam opportunidade de philosophar, tirando-o durante alguns mezes d'estes estreitos horisontes, fez-lhe sem duvida um effeito saudavel.» Fala ainda das boas disposições, que ele sentiu depois desta viagem, e acrescenta por fim: «Este periodo que começa realmente em 1870, depois do regresso da America, e que se pode julgar terminado em 1874, quando a molestia se apresentou com a maior gravidade... é com certeza o mais bello da sua vida.»

Quanto á lingua alemã e á forma como ele a ficou possuindo, dí-lo a Senhora D. Carolina Micaëlis de Vasconcelos no seu artigo —*Antero e a Alemanha*— a pag. 393 e 394 do *In Memoriam.* Antero estudára alemão para lêr, na versão original, os grandes pensadores germanicos; mas não o falava nem escrevia, nem tão pouco o intendia se o falavam ao pé dele.

Aprendêra a sentí-lo apenas com os olhos, como quando, deitado no seu beliche de bordo, durante mezes, passava os

livros pela vista, sem jamais pronunciar uma palavra.

Destes dois casos conjuntamente se ocupa o snr. Jayme Batalha Reis, a pag. 459 e 460 do *In Memoriam*, e as suas palavras são tanto mais preciosas por se referirem aos mezes seguintes á estada de Antero no Porto, em serviço de exames liceais. Em Agosto e Setembro de 1870 residiram os dois amigos em Santa Cruz, pequena praia de banhos das cercanias de Torres Vedras. «O Antero, diz o snr. Batalha Reis, tentava concertar os seus nervos cada vez mais desiquilibrados. Queria tambem cansar-se, caminhando ao ar livre, como nos tempos de estudante, em Coimbra; e passavamos, ás vezes dias inteiros, atravessando as dunas, ao longo da costa, e passeando até á Ponte de Rol, á Assenta, á Maceira, ao Vimeiro, eu herborisando, caçando insectos, o Anthero, philosophando, na permanente discussão em que vivemos por annos.»

«O Antero de Quental estava então muito agitado. Os banhos do mar, os largos passeios de leguas, ás vezes em areia, sob o

sol e a luz de setembro, pareciam excital-o, endoidecel-o. As nossas discussões que, apesar da quasi constante diferença de modos de ver, eram sempre serenas, tornavam-se então em luctas pessoaes: D'uma vez, vivendo sós, como descrevi, na casinhola onde mal cabiamos, dormindo no mesmo quarto, comendo á mesma mesa, por não sei que divergencia de opiniões philosophicas, ou talvez porque soprava um vento electrico de oeste, estivemos — caso unico durante as nossas longas relações, — dois dias inteiros sem nos falarmos. »

Como se vê, deu-se no poeta uma sensivel melhora de saude sobre o ano anterior, tanto no que respeita ao vigor fisico, como ás discussões com os amigos; embora nós não possamos imaginar o que sucederia com Germano Vieira de Meireles, se este substituisse o snr. Batalha Reis em Santa Cruz.

« Nós haviamos n'esse ano levado para a praia, continúa o snr. B. Reis, entre outros livros, o *Fausto* de Goethe, alguns volumes de poesias de Heine e Rückert, a *Historia de Portugal* de Schæfer, — e liamos e traduziamos febrilmente alemão. »

Mas, como disse, passavam-se estes casos em Agosto e Setembro de 1870, os dois mais terriveis mezes da guerra franco-prussiana; e os dois amigos iam conhecendo, «dia a dia, o esmagamento methodico, calculado, infalivel, dos exercitos francezes desde Reichshofen até Sedan.

«—Que raça! Que raça!—dizia o Antero, com veneração.—O futuro é do germanismo: Amigo, é preciso saber alemão.»

Estas ultimas palavras devem, porém, intender-se dirigidas principalmente a ele mesmo, Antero; porque o snr. Batalha Reis estudára, pelo menos uma parte dos preparatorios liceais, num colegio alemão que houve em Lisboa, onde se familiarisou com a lingua germanica.

Independentemente porém destes dois pontos, outro ha ainda a considerar na viagem, porque algumas afirmações anteriormente feitas a seu respeito parecem contraditar-se entre si.

Os amigos de Antero sabiam que datava de bastante tempo o seu desejo de estudar *in loco* o aspecto que as grandes questões

sociais ligadas ao operariado tomavam nos Estados Unidos. Parece até que ele projectára fixar-se ali durante uma longa temporada, senão para sempre. E, como vimos, Alberto Sampaio, referindo-se á estada do poeta em Halifax e Nova York, atribue, ao que ele ali viu, as disposições em que mezes depois se encontrou para iniciar a sua propaganda socialista.

Ora, por um lado, assistindo ao embarque do poeta, tudo parece levar-nos a crêr que a rapida decisão tomada naquele momento assentára nesse antigo desejo e projecto de se fixar nos Estados Unidos, e consagrar exclusivamente ao estudo das questões sociais que o absorviam. E conta-me o snr. Negrão que por vezes, na viagem, ele lhe dissera: «Lá vou á America e lá fico; não volto a Portugal. Não arranjarei eu alguma coisa que me permita lá ficar?»

Por outo lado, Antero desiste de ali se estabelecer e de aceitar a magnifica proposta que para esse fim lhe fizeram, apesar de haver experimentado algumas melhoras e de se achar no paiz onde as doenças que o atormentavam mais se tem estudado.

Tudo isto leva-me a pensar se a nova decisão apenas se explicará pelos motivos que ele invocou, os do seu precario estado de saude. E quer-me parecer que não. Tal suspeita procede duma observação que me fez o snr. engenheiro Mariano Machado de Faria e Maia, a quem por vezes me tenho já referido, e que ha dias largamente conversou comigo acerca do seu querido amigo e conterraneo. A apreciação de Antero relativamente aos Estados Unidos, diz-me ele, não se afastava muito do modo de vêr de Herbert Spencer nos *Problèmes de Moral et de Sociologie*. Reconhecia altamente a sua grandeza e compreendia-lhe as causas, mas admirava-a mais do que a estimava. A rudeza e a grosseria americanas repugnavam-lhe. E essa apreciação, ainda assim, compreendia apenas os problemas politicos e sociais, devendo de aqui deduzir-se que o poeta não ficára a conhecer a America, que pouco ou nada ali vira, ou observára; conclusão esta que está de perfeito acordo com o que atrás ficou dito a tal respeito.

Vejamos porém o que nos diz Herbert Spencer no seu *Dialogo* e no *Discurso* sobre

os *Americanos*. Começa por louvar o enorme desenvolvimento da sua civilisação material: a grandeza e magnificencia das suas cidades, o esplendor de Nova York; a actividade das gentes, o seu poder de trabalho, de invenção e de decisão; as suas riquezas mineiras, a enormidade dos seus campos virgens e fertilissimos. Nota depois que eles poderam lançar mão, e de facto lançaram, dos progressos realisados nas nações da Europa, corrigindo-lhe os defeitos e aproveitando a longa experiencia desses velhos paizes. Reconhece por fim que podem legítimamente aspirar a produzir, passado tempo, uma civilisação mais grandiosa do que todas as conhecidas até hoje.—Mas cita-lhes tambem a sua vida violenta, feita a alta pressão, a qual acarreta consigo os grandes desastres financeiros e produz o *Surmenage*, a incapacidade permanente e as correspondentes heranças para as gerações que se sucedem. Diz-lhes que o seu unico interesse está nos negocios, que esses são o fim superior da sua vida, e que a eles se contrapõem naturalmente o enfado e a existencia sem encantos. E condena o desprezo ilegitimo a que votam os

seus competidores na luta desses negocios. Relativamente á politica, afirma e prova a intensa corrupção que lavra naquele paiz, a real negação da liberdade, a falta do respeito mutuo que faz a essencia da vida ingleza, a luta tremenda, sem nobreza, dos interesses materiais. Numa sintese lapidar, o filosofo acaba por lhes aconselhar que substituam o poder intelectual pela beleza moral, e o desejo de serem admirados pelo de serem amados.

Antero, homem moral por excelencia, assim tambem devia pensar; e a sua alma profundamente estetica que, segundo Eça de Queiroz, até na destruição exigia ritmo, achou por força completa e antipaticamente alterados ali os ritmos da Vida como ele os concebêra. Admirou por certo muitissimo, mas porventura não desejou lá ficar, nesse paiz violento, cujo modo de sentir e proceder o ofendia no mais intimo da sua nobreza e santidade. Nem moral, nem doçura, nem beleza serena; nem tão pouco liberdade. E desistiu do seu velho projecto; não quiz lá ficar...

Se é que não *fugiu*, como mais tarde fez por motivos de ordem semelhante, e o diz

numa carta dirigida, de Vila do Conde, ao seu amigo Antonio Lopes dos Santos Valente, em 15 de Fevereiro de 1883: (1)

«Eu vivo aqui eremiticamente, mas o espectaculo da decomposição moral desta pobre terra, que ahi me estava continuamente debaixo dos olhos, tinha-se-me tornado insupportavel, e *fugi* (2) de Lisboa, preferindo a solidão, onde ao menos posso, durante largos periodos, ignorar coisas afflictivas». (3)

Com a saida da America fora-se-lhe porventura tambem uma grande ilusão, que todavia não é a ultima a desfazer-se na sua dolorosa existencia.

(1) *Cartas de Antero do Quental*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1915.

(2) O *italico* é do proprio Antero de Quental.

(3) A tudo isto acresce o facto de Antero, falando com os seus intimos, pouco e poucas vezes ter aludido á viagem á America. Desses, os que faleceram e escreveram mal nos ilucidam a tal respeito; e os vivos quasi nada acrescentam. E, pelas pequenas noticias que li ou provoquei, creio somente presentir no poeta o desejo duma viagem diversa de aquela que o seu mau estado de saude lhe permitiu realisar.

E tudo isto sucedeu naturalmente: porque Joaquim Negrão, com um romantico *testanito*, pretendeu animar os licitantes de Portimão; porque, no Porto, a hora de embarque não poude coincidir com a da maré; e porque João de Deus, em pleno Julho, num matutino acesso lirico, viu talvez a morte naquele mar de leite e rosas da barra do Douro.

ACABOU DE SE IMPRIMIR
NA TIPOGRAFIA DA «RENASCENÇA PORTUGUESA»,
RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 178,
AOS 31 DE AGOSTO DE 1916.

BIBLIOTECA DA
«RENASCENÇA PORTUGUESA»

Título	Preço
A Águia (2.ª série) — vols. I a VIII, br. $60, enc.. .	$80
A Águia (2.ª série) — vol. IX, br. $70, enc. . . .	1$00
A Águia (2.ª série) — vol. X (em publicação).	
A Vida Portuguesa—Boletim—Publicados os n.os 1 a 39.	
Regresso ao Paraiso—T. de Pascoaes .	$50
A Evocação da Vida—Augusto Casimiro	$40
Esta Historia é para os Anjos—Jaime Cortesão	$10
O Espírito Lusitano—T. de Pascoaes .	$10
A Sinfonia da Tarde—Jaime Cortesão .	$10
O Criacionismo—Leonardo Coimbra . .	$80
Romarias—A. Correia de Oliveira. . .	$10
A Educação dos povos peninsulares—Ribera y Rovira	$10
A Primeira Nau—Augusto Casimiro. .	$10
Cintra—Mário Beirão	$10
O Doido e a Morte—Teixeira de Pascoaes	$20
. . . Daquem e dalem Morte—(Contos com ilustrações de Cervantes de Haro e Cristiano de Carvalho)—J. Cortesão	$60
O Último Lusíada—Mário Beirão . . .	$50

O Génio português na sua expressão poética, filosófica e religiosa — Teixeira de Pascoaes $20
Elegias — Teixeira de Pascoaes $30
Camilo Inédito — Prefácio e notações de Vila-Moura (1.ª edição, esgotada)
Só — António Nobre (3.ª edição, esgotada)
A Morte — Leonardo Coimbra $40
A Teoria da Mutação — A. Cortesão . $70
Doentes da Beleza — Vila-Moura . . . $50
Glória Humilde — Jaime Cortesão . . . $50
Verbo Escuro — Teixeira de Pascoaes . $50
Á Catalunha — Augusto Casimiro . . . $20
O Problema da Cultura — António Sérgio $20
Miss Doly — Costa Macedo $10
Cancioneiro Popular — 1.º volume da Biblioteca Lusitana — Jaime Cortesão . $40
A Era Lusiada — Teixeira de Pascoaes . $20
A Saudade Portuguesa — Carolina Michaëlis de Vasconcelos $50
Literatura Nacional — Programa do curso complementar dos liceus organisado por Alfredo Coelho de Magalhães . . . $20
O Génio Peninsular — Ribera y Rovira . $20
Ankises — Carlos Maúl $10
Cantigas do Povo para as Escolas — Selecção e prefácio de Jaime Cortesão . $20

Líricas e Sátiras — João Saraiva $60
Rapsodia do Sol-Nado, seguida do Ritual de Amor — Afonso Duarte. $40
W. Shakespeare — Júlio César — Tradução de J. Anselmo $40
Higiene e Moral, pelo Dr. Good — Tradução de J. Aroso $40
A Beira num relampago — Teixeira de Pascoaes $50
A Alegria, a Dor e a Graça — Leonardo Coimbra $70
O Conflito Internacional sob o ponto de vista português — José de Macedo . . 1$20
Pela Espanha — Ezequiel de Campos (No prelo)
Carta de Guia de Casados — Estudo Critico e Notas de Edgar Prestage (No prelo).
Etnografia artistica — Virgilio Correia (No prelo).
O Inverno — Cesar Porto (No prelo).
Praça Nova — Alberto Pimentel (No prelo).
Emblemas de Alciati explicados em português — Prefacio e coordenação de Leite de Vasconcelos (No prelo).
Elogios — João Luso (No prelo).
D. Pedro — Coelho de Carvalho (No prelo).
Sonetos — Candido Guerreiro (No prelo).